

ATRAVÉS DOS OLHOS DO PAI

Lonni Collins Pratt NA REVISTA MOODY

Vi o carro um pouco antes de ele bater em mim. Tive a sensação de flutuar e, a seguir, a escuridão arrebatou meus sentidos.

Na ambulância, abri meus olhos e, através das ataduras e das pálpebras inchadas, podia apenas ver fragmentos da luz. Ainda, mas pequenas partículas de sujeira e cascalho encrava-se em meu rosto sardento de 16 anos. Quando tentei tocá-lo com minhas mãos, alguém pressionou meu braço sobre a maca e sussurrou: "Não se mexa!".

O queixume da sirene arrastava-se friamente para algum lugar, e eu deslizei para o estado de inconsciência. Meus últimos pensamentos foram uma oração desesperada: "MEU DEUS QUERIDO, MEU ROSTO NÃO, POR FAVOR..." De modo semelhante aos adolescentes, muito de minha identidade era extraído de minha aparência. A adolescência girava em torno de minha imagem exterior. Ser bonita significava ter muitos pretendentes e um grande círculo de amigos.

Meu pai sempre me dedicava muita atenção. Ele tinha quatro filhos, mas apenas uma filha. Lembro-me de um domingo em particular na igreja no qual, quando saímos do carro, meus irmãos - uma tríade mal ajambrada, vestida com roupas de veludo e usando topetes - saíram correndo na frente. Mamãe ficara em casa com o bebê doente.

Eu estava recolhendo minha pequena bolsa, os papéis da igreja e a Bíblia, quando meu pai abriu a porta. Olhei para ele que, conforme o coração daquela menina de sete anos, era o pai mais bonito e o mais perfumado de todos.

Ele estendeu sua mão e, com uma piscadela, disse-me: "A mão, minha princesa?". A seguir, ele me puxou para seus braços e disse que eu estava muito bonita.

- Nenhum pai é capaz de amar mais sua filhinha do que eu!- falou ele.

Em meu coração de criança, que ainda não compreendia o amor de um pai, eu pensava que ele me amava apenas por meu vestido e meu rosto bonitos.

Algumas semanas antes do acidente, ganhei o primeiro lugar em um desfile e me tornei a rainha do festival. Papai não fez muitos comentários. Ficou apenas ao meu lado, com os braços sobre meus ombros, radiante de alegria. Mais uma vez, eu era a garotinha bonita do papai e me aconchegava no calor de seu amor e aceitação.

Nessa mesma época, firmei um compromisso pessoal com Cristo. Em meio à assembleia de estudantes, sociedade de honra, desfiles e paradas, eu estava iniciando um relacionamento com Deus.

Nas horas seguintes ao acidente, vagava entre o estado de consciência e inconsciência. Sempre que ficava um pouco mais lúcida, cogitava acerca de meu rosto. Tive hemorragia interna e uma concussão séria, mas nunca me ocorreu que minha preocupação com a aparência era desproporcional.

Na manhã seguinte, embora pudesse abrir meus olhos, apenas um pouquinho, pedi que a enfermeira me trouxesse um espelho.

- Concentre-se em ficar boa, minha jovem! - disse ela, enquanto media minha pressão sanguínea, sem olhar para mim.

Essa recusa em trazer-me o espelho apenas inflamou minha determinação despropositada. Se ela não quer me dar um espelho, meu rosto deve estar pior do que imagino. Minha face coçava e parecia estar toda repuxada. Algumas vezes sentia uma queimação, e outras, dor. Eu não a tocava, pois o médico dissera que poderia infeccionar.

Meus pais também batalharam para que não houvesse espelhos por perto. À medida que eu cicatrizava internamente e recobrava minhas forças, tornei-me irascível, e era cada vez mais difícil de lidar comigo.

Em determinado momento, cinco dias após o acidente, implorei, a quarta vez em menos de uma hora, por um espelho.

Meu pai, bem bravo, disse-me:

- Não adianta pedir. Eu disse não, e meu não é não mesmo.

Gostaria de ter uma desculpa para o que disse a seguir. Apoiei-me sobre os cotovelos e, dos meus lábios, que mal podiam mover-se, chiei:

- Você não me ama. Agora que não sou mais bonita, você não me ama mais.

Meu pai olhou-me como se alguém lhe tivesse tirado a vida. Ele caiu na poltrona e cobriu o rosto com as mãos. Minha mãe foi até ele e pôs a mão sobre seus ombros, enquanto ele tentava controlar as lágrimas. Eu desabei sobre os travesseiros. Não pedi mais que meus pais me trouxessem um espelho. Em vez disso, na manhã seguinte, esperei até alguém responsável pela limpeza vir arrumar meu quarto.

A cortina estava fechada, como quando tomava banho deponha na cama.

Será que você pode me emprestar um espelho? - perguntei. Devo ter perdido o meu.

Depois de uma breve busca, ela achou um e, discretamente, o entregou em minhas mãos.

Nada poderia ter me preparado para o que eu vi. A imagem que mais parecia um enorme joelho esfolado, rosa-choque, coberto por secreção, olhava para mim. Meus olhos e lábios estavam inchados e cheios de cascas de ferida. Quase nada de minha pele, de orelha a orelha, havia escapado aos efeitos desse acidente.

Meu pai chegou um pouco depois, com revistas e lições de casa debaixo do braço, e me encontrou olhando no espelho. Ele retirou meus dedos do espelho, um a um, e disse:

- Isto não é importante. Isto não muda nada do que realmente importa. Ninguém a amará menos!

Por fim, conseguiu puxar o espelho e o jogou em cima da poltrona. Depois, sentou-se à beira da cama, pego-me em seus braços e me segurou por um longo tempo.

- Sei o que você pensa - disse-me ele.

- Você não seria capaz - murmurei, desviando o olhar e voltando meus olhos para a janela.

- Isso não muda nada - repetiu ele.

Ele colocou as mãos em meu braço e correu eles, como se desenhasse uma linha.

- As pessoas que a amam já viram você em toda situação, inclusive nas piores, sabia?

- Tudo bem. Já me viram com bóbis ou com máscara facial, mas não com meu rosto em carne viva!

- Tudo bem. Então, vamos falar de mim - disse ele. Eu a amo. Nada jamais mudará esse sentimento, pois amo você, não seu exterior. Já troquei suas fraldas e vi sua pele com bolhas devido à catapora. Já limpei seu nariz que sangrava e segurei sua cabeça enquanto você vomitava na privada. Eu a amei quando você não estava nada bonita.

Ele hesitou por um segundo e, a seguir, continuar

- Ontem você estava feia não por causa de sua pele, mas devido ao fato de ter se comportado muito mal. Mas estou aqui hoje e estarei aqui amanhã. Os pais não deixam de amar seus filhos das marcas que a vida deixa neles. Você poderá se considerar uma pessoa abençoada se a vida marcar apenas seu sorriso.

Virei-me para meu pai, sentindo que ele pronunciaria simples palavras, as palavras certas, é verdade, mas que as proferira como um dever de pai - mentiras educadas.

- Então, olhe para mim papai - disse eu. Olhe para mim e diga que me ama!

- Jamais esquecerei o que aconteceu em seguida. Enquanto observava meu rosto arrebentado, os olhos dele ficaram rasos de água. Ele se inclinou vagarosamente em minha direção e, com os olhos abertos, beijou gentilmente meus lábios, cobertos de crostas e secreção.

Foi como o beijo que me envolvia todas as noites de minha infância, e o beijo que me aquecia todas as manhãs.

Isso aconteceu faz muitos anos. O único vestígio desse acidente é uma pequena cicatriz logo acima da sobrancelha. O beijo de meu pai e o que ele me ensinou, porém, deixaram uma marca sobre meus lábios que jamais será apagada.

O coração da mãe é a sala de aula dos filhos.
HENRY WARD BEECHER